

O CINEMA NO CURRÍCULO

Tatiane Chagas Lemos

tattilemos@yahoo.com.br

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

ISSN 2316-6479

Resumo

Frente aos mecanismos de controle seja da sociedade disciplinar, seja da sociedade de controle, Deleuze nos alerta que “não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas” (DELEUZE, 1990). Portanto é primordial examinar como a escola esta instituindo novos processos de subjetivação. Investigar os por menores que ocorrem no cotidiano escolar. Diante disto é imprescindível entender o vínculo entre currículo e política. Nessa perspectiva, o cinema, por trabalhar princípios pedagógicos como a interdisciplinaridade, a diversidade, entre outros, só tem a contribuir novos processos de subjetivação que privilegiem a singularidade.

Palavras-chaves: Currículo, cinema, subjetividade, política, cultura

Abstract

Front to control mechanisms is of a disciplinary society, is the society of control, Deleuze warns us that “it is not fear or hope, but to seek new weapons” (DELEUZE, 1990). Alfredo Veiga-Neto reminds us of the importance of evaluating as machinery school is dealing with the new processes of subjectivation. Investigate by minors that occur in everyday school life. Given this it is essential to understand the link between curriculum and policy. In this perspective, the cinema, to work as interdisciplinary pedagogical principles, diversity, among others, has only to contribute new subjectivity processes that emphasize the uniqueness.

Key Words: Curriculum, cinema, subjectivity, politics, culture

Os processos disciplinares datam de muito tempo, porém nos séculos XVII e XVIII a disciplinarização tornou-se uma eficaz estratégia de dominação. Como afirma Michel Foucault, paradoxalmente a disciplina aumenta a força do corpo (num sentido econômico) e diminui essa mesma força, assujeitando-o (eliminando seu potencial criador). A disciplinarização consiste, então, de técnicas de poder centradas no corpo, tudo que o que o sistema capitalista da época necessitava: “Uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (FOUCAULT, 1987: 119).

Ao longo dos anos, essas técnicas se adaptaram às necessidades mercantis e por volta da segunda metade do século XVIII, percebem-se novos mecanismos de controle mais eficazes. Foi graças ao controle disciplinar do corpo que foi possível controlar não mais o homem-corpo e sim o homem como ser vivo, seu nascimento, seus sonhos, sua vida num sentido mais amplo. O controle que a disciplinarização proporcionou, foi necessário para uma regulamentação por sistemas,

para uma “anatomo-política do corpo”. Uma estratégia mais sutil e nem por isso menos cruel de controle que Foucault denominou de “biopoder,” ou seja poder sobre a vida . Enquanto a primeira forma de controle citada se instituiu nas escolas, hospitais, fábricas e presídios, a sua forma subsequente mobilizou a gestão da vida incidindo não somente sobre a vida (individual) e sim sobre toda população.

Pela análise de Gilles Deleuze, a passagem para o novo sistema de controle percebe-se pela crise dos meios de confinamento (Prisão, escola, hospital, fábrica e até mesmo a família). O autor nos revela alguns exemplos desta crise das instituições disciplinares e nos leva a perceber a implantação de um novo regime.

Mas como fica a escola em meio a essa transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. Foucault definiu a Escola como uma instituição crucial para a implementação da sociedade disciplinar e para formação do sujeito moderno. Funcionando o currículo como um dispositivo para disciplinarizar o corpo e os saberes.

“ [...] ora, na medida em que o currículo foi o artefato que articulou disciplinarmente as práticas e os saberes escolares, pode-se dizer que , desde sua criação, ele esteve intimamente conectado à fabricação do sujeito moderno. Sem exagero pode-se dizer que o currículo funcionou como principal artefato escolar envolvido com a fabricação do sujeito moderno. Como parte importante da episteme da ordem e da representação, a máquina currículo foi uma das condições de possibilidade para essa forma moderna de ser e de estar no mundo que se estabeleceu a partir do Humanismo renascentista.” (VEIGA-NETO,1998, p.145)

Logo, se o currículo funciona dentro de uma lógica disciplinar, com a crise da sociedade disciplinar a maquinaria currículo esta em crise, por isso que podemos perceber algumas tentativas de desdisciplinarizar o currículo, como por exemplo, nos afirma Veiga-Neto , as propostas de transversalização dos conteúdos. Mas tudo o que se tem tentado na área, na opinião do referido autor são paliativos, pois os temas transversais não dispensam e não afastam as disciplinas. Outra tentativa de superar a crise esta na importância dada aos procedimentos de controle, não se atendo para a mudança dos conteúdos, mas na forma com que são colocados em ação e como são avaliados. Neste processo a avaliação vem se intensificando como mecanismos de controle na escola.

[...] por isso cada vez mais proliferam os discursos sobre ensino-aprendizagem, inventam-se metodologias de ensino, mudam-se os focos daquilo que pode ser mais importante na educação escolar, multiplicam-se processos de avaliação, classificam-se e ranqueiam-se instituições e pessoas.(VEIGA-NETO,1998,p.147)

Frente aos mecanismos de controle seja da sociedade disciplinar, seja da sociedade de controle, Deleuze nos alerta que “não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas” (DELEUZE, 1990) . Enquanto o primeiro conduz a estados de docilidade duradoura, o outro parece estimular a flexibilidade. Alfredo Veiga-Neto lembra-nos da importância de avaliar como a maquinaria escolar esta lidando com os novos processos de subjetivação e fabricando novos sujeitos

No atual cenário educacional, frequentemente, há debates , reformulações , grupos de estudos e trabalhos a cerca do currículo e das estruturas curriculares ossificadas. Não podemos esquecer que justamente por ser uma estrutura criada no bojo da sociedade disciplinar teorizada por Foucault, seria inevitável que com a mudanças societárias o currículo não passasse também por profundas transformações . Porém muitas das quais não passam de procedimentos paliativos não intervindo significativamente no planejamento dos objetivos , na seleção dos conteúdos e no modo como são avaliados os mesmos, que é justamente onde se identifica as formas de controle. Nesse sentido mantêm-se o controle fiscalizando, examinando, conferindo, comparando, ou seja, o que mudou foi a forma de vigilância.

Portanto é primordial examinar como a escola esta instituindo novos processos de subjetivação. Investigar os por menores que ocorrem no cotidiano escolar. Diante disto é imprescindível entender o vínculo entre currículo e política. Em meio as transformações que ocorrem no âmbito mundial proveniente da globalização, faz-se necessário pensar as novas formas de poder , ou seja, as relações políticas nesses processo de hibridização do currículo, pois a escola reconfigura com novos conceitos porém ainda opera com valores anteriores. A hibridização precisa ser pensada/acompanhada analisando o processo político. Recorrendo ao conceito de política de Laclau da política como processo de natureza discursiva que descentra os processos políticos do social .Tais processos são incompletos e não seguem uma lógica inerente, se dá num contexto singular de possibilidades abertas é móvel. Não significando, porém, de acordo com Laclau uma ausência total de estruturas e sim a não absolutização de uma estrutura, a necessitando para isto de constantes decisões.. Chega - se agora no cerne do questionamento de Laclau , onde o mesmo defende uma teoria da decisão pautada na indecibilidade estrutural ou pautada na relação indecibilidade e decisão. Nesse estudo a prática , o cotidiano é percebido como o campo da produção curricular, porque é nele que ocorre a relação indecibilidade e decisão. Chamada pelo autor de relação hegemônica porque em algum momento um conteúdo particular utilizado como universal (a partir do deslocamento significativo significado) provisoriamente, exigindo continuas revisões (decisões). Essa

relação hegemônica é que fundamenta o processo político como produção discursiva. "A hegemonia se dá como fechamento provisório contingencial por meio de movimentos de articulação discursiva".

É no dia-a-dia da sala de aula que acontecem as articulações dos dispersos sentidos que políticas curriculares (impostas verticalmente) e demandas diárias singulares, num constante embate, por isso a necessidade dessa provisoriedade da relação hegemônica, a de se pensar que o trabalho na escola exige flexibilidade e assumir o currículo como produção discursiva. dentro desta análise, optamos por pensar o currículo como o entrelugar (Bhabha) da educação, levando ao questionamento de como o currículo se constitui em um espaço de negociação.

O papel de professor frente essa perspectiva do currículo discursivo requer tomada de decisões constantes e necessariamente negociadas pelos diferentes sujeitos do processo de ensino. Isto é articular as diferentes condições, os diferentes grupos, as diferentes singularidades em prol de uma "demanda" comum, consolidando um discurso hegemônico desde que provisório.

Apropria-se aqui dos estudos de Ball sobre os contextos. O contexto da influência que compreende os sistemas de avaliação, o currículo como mecanismos de controle da educação e manutenção de status quo. O contexto de produção, dos textos de política utilizado para atender às prioridades definidas pelo contexto de influência, significando-as e decodificando-as. O contexto da prática vai adequar as decisões curriculares às suas demandas e aos interesses dos professores e alunos dando um ressignificação às propostas curriculares. O contexto dos resultados ou efeitos onde se analisa os efeitos da política nas estruturas e práticas. E finalmente, o contexto da estratégia política que esta relacionado ao contexto dos resultados ou efeitos e engloba as atividades sociais e políticas que visam diminuir os efeitos de uma dada política curricular. Claro que estes contextos se interligam de forma rizomática (Deleuze) num constante movimento, consistindo a produção político-curricular uma produção sempre inacabada.

Todo esse percurso teórico tem como objetivo a apreciação do Projeto Cinema na Escola consiste num experimento realizado na Escola Municipal Sergipe, no Município de Duque de Caxias, da qual participam, inicialmente, 32 alunos da turma 501. O referido projeto, teve início em fevereiro de 2011, com a exibição de filmes infantis alternativos, em sala de aula, a fim de instigar o debate e de proporcionar uma outra alternativa de exibição fora do padrão comercial, baseados na filosofia de Walter Benjamin, que consiste em estimular o pensar através das imagens. Este primeiro contato das crianças com o processo de criação cinematográfico, sugeriu as mesmas, pensar sobre os filmes exibidos,

reinventando -os , tal exercício nos emite a hipótese da leitura de criação ao qual Bergala propõe recriar a criação cinematográfica. Como o amadurecimento da ideia previa a criação de um curta-metragem com as crianças, pois acreditamos que se aprende cinema fazendo-o, surgiu o primeiro curta-metragem intitulado “Sergipe na Lua”, escolhido pelos alunos. Apesar de simples, o título remete à ideia de uma nova compreensão mais criativa da escola. Vale ressaltar que a elaboração do curta foi realizada na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense por considerarmos importante a articulação Escola/universidade/comunidade, bem como a apropriação, por parte dos moradores do entorno desses espaços, em favor de seus próprios interesses. O curta-metragem, produzido pelos alunos da Escola Municipal Sergipe, contou com o apoio do Grupo de Estudos do LABORAV, porém, todas as etapas, foram realizadas pelos próprios alunos seja na pré-produção, na filmagem, na edição e na exibição, apostando no cinema como um fim em si, sem propor regras ou moldes. A produção na prática é um espaço fundamental em que as crianças têm a possibilidade de explorar e construir novos valores, novas subjetividades. Os quinze minutos, que é o tempo de duração dessa primeira produção, foram exibidos na IPTV Kaxinawá , no dia 18 de abril e constituiu a passagem ao ato o aprender fazendo, a concretização do processo de criação dos alunos.

Este trabalho, entende o cinema como uma outra forma de aprender, uma experiência criativa, singular e, necessariamente, compartilhada. Pensando no cinema como experiência estética, fora dos ideais padronizados, o que permite ampliar os desejos infantis e criar novas possibilidades, de forma que os alunos percebam um outro sentido antes despercebido, se comportando de maneira diferente e provocando reações diferentes. Enfim, se busca a sensibilidade (educação estética), muda-se a escola. “ O cinema ganha, assim , um potencial incalculável que nos anima a pensar a educação como experiência.” (FRESQUET, p.13)

Pensar um devir singular na educação é considerar as subjetividades em tais dinâmicas. Desse modo, uma IPTV pensada para projetos socioeducativos/ culturais deve ir além da estrutura organizacional e da técnica, articulando Universidade /escolas locais e comunidade, na mais ampla inclusão destas subjetividades. Cada um com a sua singularidade e com desejos e interesses diferentes. Respeitar esta complexa configuração social que é a Escola, atravessada por entre as estruturas curriculares/ programáticas do ensino sistematizado, sobretudo as públicas, se faz por movimentos que agenciem as potencialidades criativas/produativas/comunicativas

ALGUNS APONTAMENTOS

Certos da necessidade de analisar o processo de produção de subjetividades fora dos padrões capitalísticos no espaço-tempo da escola em questão, este trabalho tem como pressuposto a noção de que quando os discentes/docentes adquirem a liberdade de vivenciar os seus próprios processos, passam ter a capacidade de ler sua própria situação e aquilo que ocorre em torno deles e transformá-la, favorecendo uma ação autônoma no processo de interpretar e aplicar políticas curriculares oficiais estabelecendo uma relação crítica e criativa com as mesmas. Por isso, através da produção artefatos culturais, neste caso, o cinema pretende-se investigar como a própria maneira de trabalhar do professor vai se resignificando, ou seja, como essa dinâmica (de produção de filmes) dentro do processo pedagógico disciplinar vai contribuir para produção de subjetividade singularizada. Nessa perspectiva, o cinema, por trabalhar princípios pedagógicos da interdisciplinaridade, da contextualização, da diversidade, entre outros, só tem a contribuir, dentro de uma proposta curricular centrado na cultura., nos levando a pensar as diferentes cinematografias convivendo no mesmo ambiente escolar, resignificando conhecimentos.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa . (Org.). Pesquisa no/do/com o cotidiano escolar: sobre redes de saberes. Petrópolis: Dp et Alli, 2008.

ANDRADE, Janete Magalhães. Cotidiano escolar como comunidade de afetos. Petrópolis, RJ: DP et Alii, Brasília , DF: CNPq,2009

BARREIROS, Débora Raquel Alves; FRANGELLA, Rita de Cassia Prazeres. Um novo olhar sobre o sentido de política nos estudos curriculares. Roteiro(UNOESC), v.35,p.231-250,2010.

BALL,Stephen. Education reform: critical and post- structural approach. Buckingham, Philadelphia: Open University Press,1997

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutividade técnica. In : ____ obras escolhidas. Vol.I. São Paulo: Brasiliense,1994

BERGALA,Alain. A hipótese-cinema: Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro; Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008

BHABHA, Homi. O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses. -textos seletos/organização Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco,2011

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer. Petrópolis. Vozes. 1998

____ História e psicanálise: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: EdUMG, 2006

DELEUZE, G. Pourparlers. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. O que é filosofia? São Paulo, Editora 34. 1992

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Sílvia. Micropolíticas : Cartografias do Desejo. Petrópolis, Ed. Vozes, 1996

____ Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo, Editora 34, 1992

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009

FRESQUET, Adriana . Cinema, Infância e Educação. Trabalho de pós-doutoramento realizado na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

GALLO, Sílvio. Deleuze e a Educação. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

____ Educação Anarquista: um paradigma para hoje. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1995.

GORZ, André. O Imaterial : Conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Campinas, SP: Papyrus, 1990

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Sílvia. Micropolíticas: Cartografias do Desejo. Petrópolis, Ed. Vozes, 1996

KOHAN, Walter (org.). Políticas do ensino de filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004h

LACLAU, Ernetro. Emancipación y diferencia. Buenos Aires, Difel, 1996

LAZZARATO, Maurício e NEGRI, Antonio. Trabalho Imaterial: formas de Vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A; 2001

PERNISA JUNIOR, Carlos; FURTADO, Fernando Fábio Fiorense; ALVARENGA, Nilson Assunção. Walter Benjamin: Imagens. Rio de Janeiro. Mauad X, 2008

SOUSA, Dias. A lógica do acontecimento. Porto: Afrontamento, 1995

VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. In: Anais do XIV Encontro Nacional de Didática e Prática

de Ensino. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas. Porto Alegre :PUC/RS, 2008, p. 35-58.

ISSN 2316-6479

Minicurrículo

Tatiane Chagas Lemos é professora das séries iniciais no Município de Duque de Caxias. Professora substituta na faculdade de educação da baixada fluminense onde leciona a disciplina :A criança e sua escolarização. Mestre em educação pela UERJ , atualmente, cursa o doutorado na Universidade Católica de Petrópolis.

MONTEIRO, R. H. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual
Goiânia-GO: UFG, FAV, 2013